

Artigo original

DOI: 10.5281/zenodo.14560191

PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA PARA ALUNOS COM AUTISMO: ANÁLISE DE SIMILITUDE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA*INCLUSIVE PEDAGOGICAL PRACTICE FOR STUDENTS WITH AUTISM: SIMILARITY ANALYSIS OF SOCIAL REPRESENTATIONS OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS*Marconi Silva de Andrade¹ Felipe da Silva Triani² **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo analisar as representações sociais de professores de Educação Física em relação à prática pedagógica inclusiva para alunos com autismo. A metodologia adotada foi qualitativa, exploratória e baseada na Teoria das Representações Sociais, utilizando o Teste de Associação Livre de Palavras para coletar dados junto aos professores e para análise a árvore de similitude e a nuvem de palavras. Os resultados revelaram que o termo "inclusão", foi central nas representações dos professores, destacando a importância da formação continuada e do suporte adequado para a inclusão efetiva de alunos com autismo. A análise das representações sociais dos professores evidenciou a necessidade de práticas pedagógicas sensíveis e adaptadas, bem como a promoção de um ambiente escolar acolhedor e diverso. Essas conclusões apontam para a importância de políticas educacionais que valorizem a diversidade e a inclusão, visando a construção de uma educação mais equitativa e acessível para todos os estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Representações sociais. Educação Física escolar. Inclusão. Autismo.

Autor corresponde: Marconi Silva de Andrade, coni.andrade@gmail.com

1,2 Universidade Estácio de Sá (UNESA), Rio de Janeiro. Brasil.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the social representations of Physical Education teachers in relation to inclusive pedagogical practice for students with autism. The methodology adopted was qualitative, exploratory and based on the Theory of Social Representations, using the Free Word Association Test to collect data from teachers and the similarity tree and word cloud for analysis. The results revealed that the term "inclusion" was central in the teachers' representations, highlighting the importance of continued training and adequate support for the effective inclusion of autistic students. The analysis of teachers' social representations highlighted the need for sensitive and adapted pedagogical practices, as well as the promotion of a welcoming and diverse school environment. These conclusions point to the importance of educational policies that value diversity and inclusion, aiming to build a more equitable and accessible education for all students.

KEYWORDS: Social representations. school Physical Education. Inclusion. Autism.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a discussão sobre a acessibilidade das pessoas com deficiência ao ensino regular e gratuito é menos contraditória do que no passado, refletindo uma mudança nos paradigmas sociais e impulsionada por políticas públicas e leis que garantem esse direito. Glat (2018) destaca que a disseminação dessas políticas vai além da mudança de visão estereotipada, colocando uma maior responsabilidade sobre os profissionais de educação para atender a essa demanda.

No Brasil, o movimento em direção a uma política educacional voltada para a educação especial teve início com o Decreto Imperial nº 1428, de D. Pedro II, que fundou o Imperial Instituto dos Meninos Cegos no Rio de Janeiro, em 1854 (MAZZOTTA, 2011). Entre as décadas de 1950 e 1990, ocorreram diversas mudanças no campo educacional. Na década de 1950, foram construídas muitas escolas especializadas, mas a inclusão ainda não era prática comum, pois as pessoas com deficiência recebiam apoio de forma segregada (JANNUZZI, 2012). Na década

de 1960, apesar do aumento de instituições educacionais especializadas, ainda prevalecia o isolamento dessas pessoas (MONTEIRO; RIBEIRO, 2019).

A partir da década de 1970, a educação especial foi oficialmente integrada como um movimento de integração social, com a formação de organizações públicas e privadas, órgãos normativos e a criação da Secretaria de Educação Especial (FERRER; SILVA, 2018). A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96 marcou um avanço importante, reforçando a obrigação do país em fornecer uma educação inclusiva (BRASIL, 1996).

Na década de 1980, de acordo Darido e Rangel (2019), surgiram as pedagogias críticas, que proporcionaram reflexão e novas formas de pensar a Educação Física, baseadas no princípio da inclusão. Na década de 1990, foram estabelecidos alguns documentos legais que amparam a educação especial, como a Lei nº 9.394/96, que trouxe conceitos e direitos para os alunos com deficiência.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Declaração de Salamanca reafirmam os direitos das pessoas com deficiência, sendo que a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela ONU em 2006 e aprovada no Brasil em 2007, destaca a obrigação do Estado em garantir o acesso à educação de forma gratuita e igualitária (BRASIL, 2007).

O debate sobre a inclusão das pessoas com deficiência nas escolas ganha importância no ensino regular, e é fundamental garantir práticas pedagógicas inclusivas. Goragatti *et. al.* (2004) salientam que os professores de Educação Física desempenham um papel essencial nesse processo, sendo necessário avaliar se estão preparados e se a estrutura escolar atende às necessidades desses alunos.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma das deficiências mais comuns nas escolas regulares, e sua compreensão é necessária para o desenvolvimento de práticas mais inclusivas (PAIVA JUNIOR, 2022). Trata-se de uma condição neurológica caracterizada pelo déficit na comunicação social (verbal e não verbal), comportamental (interesse restrito ou hiperfoco) e estereotípias (movimentos repetitivos). Complementar a esse conceito Griesi-Oliveira e Sertié (2017) afirmam que apesar dessa definição dos sintomas principais, a apresentação clínica varia amplamente, desde casos graves com deficiência intelectual e baixo desempenho em

habilidades comportamentais adaptativas até indivíduos com quociente de inteligência normal que levam vidas independentes.

De acordo com o DSM-5, o autismo é descrito como um transtorno do neurodesenvolvimento que envolve dificuldades em interação social, comunicação, além de comportamentos repetitivos e restritos. A Associação Americana de Psiquiatria utiliza esse manual para estabelecer os critérios de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que são periodicamente atualizados para melhorar a precisão diagnóstica. Esses critérios permitem classificar o grau de severidade do autismo e identificar as intervenções e serviços de suporte necessários (American psychiatric association, 2014).

A TRS é um referencial teórico e metodológico que busca entender como grupos sociais compartilham e constroem significados sobre objetos e fenômenos, influenciando comportamentos e práticas. Proposta por Serge Moscovici, essa teoria sugere que as representações sociais são formadas por um núcleo central, que contém elementos mais estáveis e menos negociáveis, e um sistema periférico, que é mais flexível e sujeito a transformações. Essa estrutura permite analisar como as representações sociais se manifestam em contextos específicos, como na formação de professores de Educação Física, onde as subáreas (biodinâmica, sociocultural e pedagógica) desempenham um papel crucial na configuração das identidades profissionais e na dinâmica educacional (TRIANI; JÚNIOR; NOVIKOFF, 2017; TRIANI; NOVAES; TELLES, 2023b).

Nesse sentido Triani (2021) ressalta que a utilização da Teoria das Representações Sociais (TRS) tem contribuído para entender a relação entre os professores e alunos com deficiência, influenciando no processo de ensino-aprendizagem.

Com o passar do tempo, o professor de Educação Física tem mudado sua visão em relação aos alunos com deficiência, refletindo em mudanças na grade curricular e na formação dos profissionais (GREGUOL *et al.*, 2018).

Esse estudo se justifica em três pilares: social, científico e pessoal. Socialmente, a inclusão de alunos com autismo é um ponto crítico na sociedade contemporânea, com um número crescente de casos. Cientificamente decorre da escassez de estudos aprofundados sobre a inclusão desses alunos e da relevância

do tema para a educação. E por fim a justificativa pessoal vem de experiências vivenciadas na rede municipal de ensino, em Salvador/Ba, que despertaram um compromisso ético com a inclusão desses alunos. Esses pilares sustentam a importância e pertinência do estudo, especialmente ao adotar a Teoria das Representações Sociais para compreender e melhorar as práticas pedagógicas inclusivas dos professores de Educação Física.

Esse trabalho tem por objetivo apresentar os resultados do estudo realizado com professores de Educação Física que busca compreender as representações sociais desses profissionais sobre a prática pedagógica desenvolvida pelos professores para os alunos com autismo.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, destacando o contato próximo do pesquisador com o objeto de estudo, enfatizando que os resultados não são quantificados, não envolvendo métodos estatísticos, e focando no processo e seu significado como aspectos centrais da investigação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Quanto ao tipo, trata-se de uma pesquisa por método exploratório que segundo Severino (2013), é usado para levantamento de informações de um determinado objeto de estudo para delimitação de um campo de estudos para se aproximar do problema e construir as hipóteses.

Em relação ao grupo amostral, Michener; Delamater; Myers (2005) dizem que grupos são unidades presentes em diversos contextos, caracterizados por ajudarem uns aos outros e possuírem uma organização sistêmica e padronizada. Nem todo agrupamento de indivíduos constitui um grupo, indicando que há critérios específicos que definem o que é considerado um grupo.

Por isso, os professores de educação física constituem um grupo, pois compartilham um conjunto comum de habilidades e conhecimentos, muitas vezes adquiridos através de uma formação acadêmica específica na área. Eles reúnem características comuns, objetivos e desafios em sua prática profissional, o que os torna parte de uma comunidade profissional unida e essa unidade é baseada em

aspectos como: formação acadêmica, objetivos educacionais, associações profissionais e compartilhamento de recursos e práticas em comum.

Quanto à quantidade, trata-se de uma amostragem não probabilística, e sua classificação em amostras por acessibilidade ou conveniência, método amplamente utilizado em pesquisas exploratórias e qualitativas. Estas, segundo Prodanov e Freitas, (2013, p. 98):

Constituem o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo são destituídas de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo.

Fizeram parte dessa pesquisa 107 professores de Educação Física da rede municipal de Salvador, que já tenham passado pelo estágio probatório, e já tenham ou estejam ministrando aulas para alunos com o Transtorno do Espectro Autista. Os referidos participantes da pesquisa possuem alguns níveis de graduação que vão da simples licenciatura ao título de doutor, esses níveis são garantidos no Estatuto dos Servidores do Magistério Público do Município do Salvador. Esses docentes ministram aulas em escolas com pouca ou nenhuma estrutura física nem material, se valendo de muita criatividade e adaptações, principalmente quando se trata do público-alvo da educação especial. O professor se enquadra na carga horária de 20 ou 40 horas e as aulas ministradas acontecem duas vezes na semana para cada turma.

A pesquisa analisou dados sociodemográficos dos 107 professores de Educação Física escolar, levantando informações sobre sexo, idade, tempo de atuação na área, e formação em educação especial. Dos participantes, 52,2% são homens e 47,8% mulheres. Em termos de idade, 3,3% têm entre 18 e 28 anos, 36,7% entre 29 e 39 anos, 56,7% entre 40 e 59 anos, e 3,3% acima de 60 anos. Sobre o tempo de atuação, temos 23,3% trabalhando na área há menos de um ano, 27,8% entre 1 e 4 anos, 14,4% entre 5 e 10 anos, e 34,4% com mais de 10 anos de experiência. No que se refere à formação em educação especial, 48,9% dos professores possuem alguma formação nessa área, enquanto 51,1% não possuem.

Para subsidiar a pesquisa, será aplicado o Teste de Associação Livre de Palavras que de acordo com Triani *et al.* (2021, p. 208) “é um tipo de investigação na

qual as pessoas inquiridas registram palavras referentes ao estímulo provocado por um termo indutor.”

Esse teste originalmente foi destinado para utilização na psicologia clínica e mais recentemente compartilhado com a Teoria das Representações Sociais. A partir da década de 80, com Di Giacomo, que o TALP é utilizado em combinação com a TRS, sendo no Brasil sua primeira aparição através do trabalho de Neves e colaboradores (NEVES *et al.*, 2014).

Ainda, segundo Neves *et al.* (2014, p. 74):

Temos então uma técnica que, por meio de induções, consegue captar e receber informações, aparentemente ocultas ou não, e que, através de uma resposta associativa a uma imagem ou a uma palavra é possível revelar as opiniões, os pensamentos, as personalidades, o que torna essa técnica, segundo Erikson (1971) apud Merter (1992), um “dos melhores guias para o significado de um ponto até então obscuro”.

Após a fase da instrução o pesquisador entregou ao professor um papel com o termo indutor escrito: “prática pedagógica com aluno com autismo” e este no tempo necessário escreveu cinco palavras/expressões que vieram em sua mente, que representem e estejam ligados ao termo indutor. Feito esse registro o pesquisador solicitou que o entrevistado coloque esses cinco termos em ordem de importância e justificasse a escolha de sua resposta (COUTINHO; BÚ, 2017).

A ferramenta utilizada para realizar a compilação e organização dos dados foi o IRAMUTEQ, um *software* gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud e licenciado por GNU GPL (v2), que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras (CAMARGO; JUSTO, 2013).

A codificação dos dados para Gil (2010) consiste em formular conceitos e análises a respeito do quanto construído durante a pesquisa como: transcrição de entrevista, texto dos documentos e registros das observações. Gil (2010, p. 122) segue afirmando que: “Graças a essa codificação é que os dados podem ser categorizados, comparados e ganhar significados ao longo do processo analítico”.

Nascimento e Menandro (2006) dizem que o tratamento de dados textuais comuns as áreas das Ciências Humanas e Sociais, efetuado por meio de um software

tem se mostrado exitoso considerando o volume textual grande a ser analisado, tendo um ganho considerável de tempo na tabulação e execução dos cálculos.

Desse processamento de informações foram gerados dois elementos que serviram de base para a análise dos resultados. O primeiro foi a árvore máxima de similitude, essa análise é uma maneira diferente de classificar os termos de uma produção discursiva com base na concordância de semelhança, o que possibilita identificar o grau de conexão entre os diversos elementos relacionados da representação encontrados na análise prototípica (DONATO *et al.*, 2017). E o segundo foi a nuvem de palavras, como descrevem Triani, Andrade e Novaes (2023a, p. 11) é “[...] um método que consiste em agrupar as palavras e organizá-las graficamente de acordo com sua frequência, permitindo a identificação de ocorrências e possíveis conexões entre elas [...]”.

No bojo dos procedimentos éticos, esse trabalho, além de outros documentos, que foram utilizados na pesquisa, seguindo a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram submetidos e aprovados no Comitê de Ética e Pesquisa (Plataforma Brasil) sendo registrada sob o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAEE) nº 66483822.7.0000.5255.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

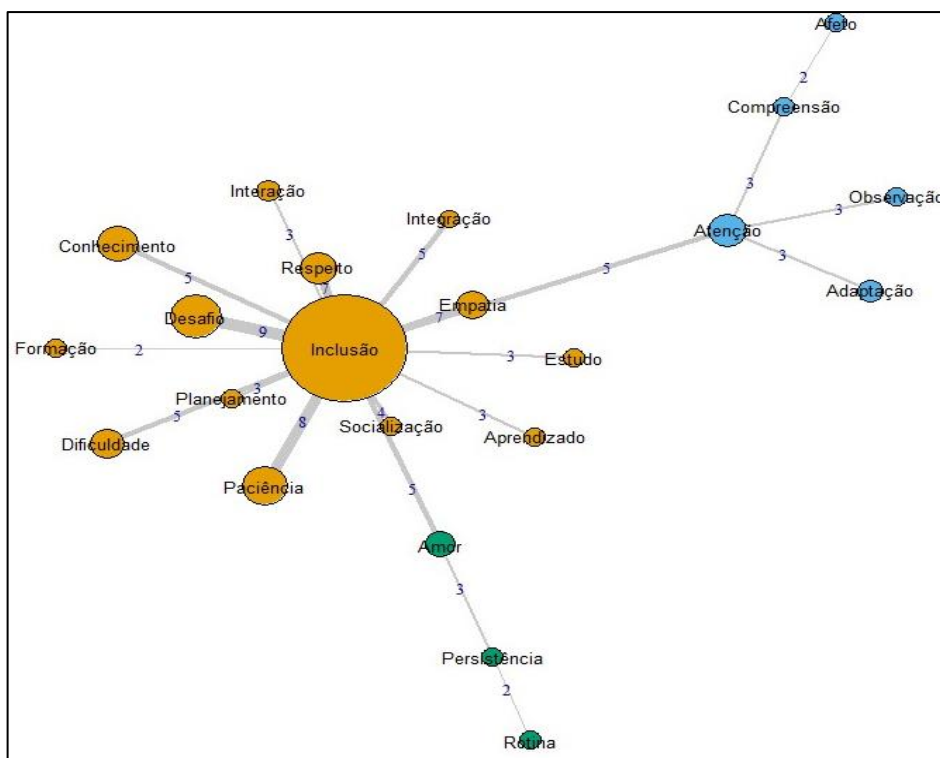
Como forma de análise dos resultados, foi adotada a análise de similitude para compreender quais os indícios de representação social, relativos aos professores de Educação Física sobre suas práticas pedagógicas com alunos com autismo.

De acordo com Donato *et al.* (2017), a árvore de similitude é um "grafo" conexo sem ciclo cujos vértices são os itens do *corpus* textual e as arestas são os valores dos índices de similitude entre esses itens, em outras palavras, a árvore de similitude é uma representação gráfica que mostra a relação de similaridade entre os elementos da representação social estudada, essa construção da árvore máxima com esses resultados permite ao investigador visualizar a força de ligação entre os elementos do sistema central e periférico, no que seu desenho evidencia a centralidade numérica dos elementos da representação social e o grau de conexidade estabelecido entre si e com os demais, a partir das evocações.

Existe uma diferença entre a investigação prototípica, que se concentra na combinação entre elementos da RS, e a análise de similitude, que se baseia na conexão entre esses elementos. Na análise de similitude, uma RS é vista como um conjunto de cognemas organizados por múltiplas relações que podem degradar-se em uma relação simétrica, indicando a ideia combinação, ou seja, elementos que possuem muitos laços com outros elementos são considerados parte do Núcleo Central. Isso sugere que a conexão é uma consequência da centralidade, e a análise de similitude se baseia na teoria dos grafos, que define conexões entre elementos com um único caminho representado pelo maior índice de coocorrência (ORTIZ; TRIANI; MAGALHÃES JÚNIOR, 2021).

Na Figura 1 pode-se observar as evocações dentro dos vértices que quanto maior a circunferência, maior a frequência (f) que essa palavra foi evocada, nesse caso a palavra inclusão que foi a mais evocada (f= 55) aparece com o maior tamanho. As linhas que ligam os vértices, são chamadas de arestas e quanto maior sua espessura maior o nível de conexão entre aqueles termos.

Figura 1 - representação gráfica da árvore de similitude baseada nas evocações dos professores pesquisados



Fonte: próprio autor

Alguns pontos são interessantes serem ressaltados nessa estrutura, por exemplo, ao realizar esta análise é importante não considerar o número total de participantes da pesquisa, mas sim aqueles que mencionaram pelo menos um dos termos coocorrentes. Além disso, Ortiz, Triani e Magalhães Júnior (2021) indicam que a espessura das conexões entre os conceitos e o tamanho dos círculos representando os conceitos têm significados específicos: a espessura das arestas está relacionada ao índice de similitude, onde as arestas mais espessas indicam que dois conceitos foram evocados simultaneamente com maior frequência, enquanto os círculos maiores refletem a saliência, representando conceitos evocados com maior frequência.

A Figura 1 apresenta os círculos com diversas ramificações que criam grupos identificado por cores distintas. Isso, de acordo com Veras *et al.* (2022), é uma vantagem adicional que reside na capacidade dessa análise de identificar tanto elementos compartilhados como características específicas entre os textos, com base nas variáveis descritivas examinadas. Essas semelhanças e particularidades podem ser organizadas em "halos" ou "comunidades", que são representações circulares de agrupamentos.

Essa configuração apresentada na Figura 1, baseado na espessura das linhas, a palavra "inclusão" possui uma forte conexão com os principais termos: "desafio" (valor numérico da aresta de 9), com "paciência" (aresta com valor de 8), também com "empatia" (representado pelo valor 7 na aresta) e "conhecimento" (apresentando um valor de 5).

Essa configuração representa que para os professores de Educação Física entrevistados que a "inclusão" do estudante com autismo em nas aulas é fator primordial, porém é um "desafio" realizar essa inclusão, além de ser um processo que exija "paciência" e "conhecimento" da doença por parte da maioria. Esses resultados observados corroboram com os achados do estudo conduzido por Quedas-Catelli, Blascovi-Assis e D'antino (2016), que identificam que os profissionais de Educação Física se confrontam com desafios significativos ao trabalhar com esse público, levando a dificuldades originadas pela carência de conhecimento.

Para os professores, baseado na ligação apresentada na árvore de similitude, para que haja “inclusão” é preciso que se tenha “empatia”, se colocando no lugar do outro, porém essa troca de posições nem sempre acontece como mostra o estudo a seguir.

Desvelando o trabalho de Kitahara e Custódio (2017), estas apresentaram como resultados de sua revisão que nem sempre os professores têm uma postura inclusiva, como evidenciado em alguns estudos analisados. As autoras identificaram a persistência de atitudes excludentes em professores, apesar de esforços em prol da inclusão, mesmo que nem todos os professores revelem posturas excludentes. Todos os artigos revisados por elas apontam para uma situação de exclusão. Por exemplo, em uma pesquisa no México, uma professora menciona a tentativa de fazer com que alunos com deficiência se retirem "voluntariamente".

O termo central, “inclusão”, está conectado a outras duas comunidades que, de acordo com Ortiz, Triani e Magalhães Júnior (2021), possuem ligação. Em uma comunidade, representada pela cor verde a palavra “amor” tem como valor 5 de aresta e na outra o termo “atenção”, com a comunidade na cor azul, também com uma aresta de valor 5.

A palavra “amor” aparece na Figura 1 vinculada à “inclusão” indicando que esse processo é tranquilo e permeado de emoções positivas como evidenciado nos resultados encontrados no estudo de Albuquerque e Machado (2009) que reflete que o amor desempenha um papel fundamental no processo de inclusão de alunos com deficiência na escola, sendo frequentemente mencionado pelas professoras como o sentimento edificado nesse contexto. As evocações enfatizam que a inclusão é mais do que um direito garantido por lei, é um ato de amor e compaixão para com o próximo que enfrenta dificuldades. O amor é considerado essencial para enxergar o potencial do aluno e para alcançar com sucesso o objetivo de inclusão.

Porém, apresentando um contraponto à discussão sobre o amor como emoção positiva, apresenta-se o estudo de Faria e Camargo (2018) onde destaca que a maioria das emoções, afetos e sentimentos relatados em estudos sobre a inclusão de alunos com deficiência na escola evidencia a dificuldade e o despreparo dos professores nesse contexto, além de impotência, insegurança, medo, angústia, desamparo e isolamento. Outras emoções mencionadas incluem ansiedade, choque,

culpa, desânimo, desconhecimento, descrença, desespero, despreparo, desvalorização, dificuldade, fracasso, frustração, incompetência, pânico, pena, preconceito, preocupação, revolta, sentimento de estar perdido, sentimento de não realização profissional e solidão. Esses sentimentos ressaltam os desafios emocionais enfrentados pelos professores no processo de inclusão.

Na segunda comunidade o termo “atenção” aparece em destaque associado à palavra “inclusão”, ressaltando que os professores precisam estar vigilantes e observando seus alunos com autismo nas aulas, para fazer intervenções necessárias, além de acompanhar o seu desenvolvimento. Como indica Alves e Fiorini (2018) com os resultados do estudo que aborda a adaptação de estratégias de ensino para alunos com deficiência, particularmente no contexto de atividades físicas ou motoras. Uma dessas adaptações é o suporte físico, que envolve fornecer assistência física e atenção aos alunos com deficiência para que possam realizar os movimentos ou habilidades motoras propostos em aula. Isso pode incluir orientar o movimento do aluno para garantir que eles adotem as posições adequadas necessárias para a atividade.

Ainda sim muitos professores relatam insatisfações em relação à condição de ter que prestar suporte, dar atenção, aos alunos com deficiência. De acordo com Silva e Elias (2022) no relato das professoras em uma classe de inclusão, destacam-se as principais dificuldades enfrentadas no processo de inclusão de alunos com deficiência. As dificuldades incluem a necessidade de equilibrar a atenção entre o aluno com deficiência e os demais da turma, conciliar atividades individualizadas e a falta de um professor de apoio. As professoras expressam a frustração de não poder oferecer a atenção necessária devido às limitações de tempo e ao grande número de alunos na turma, o que afeta negativamente o aprendizado do aluno com deficiência.

Ao concluir essa análise da árvore de similitude pode-se desvelar que os professores de Educação Física prezam por alguns aspectos importantes no processo de inclusão escolar, que estão interligados a uma rede de ações, percepções, emoções e conhecimentos que favorecem aos direitos, igualdade e permanência do aluno com TEA nas aulas.

Porém a inclusão escolar é um procedimento mais árduo e “doloroso” do que parece ser e que nem sempre deve ser responsabilidade do professor apenas, como

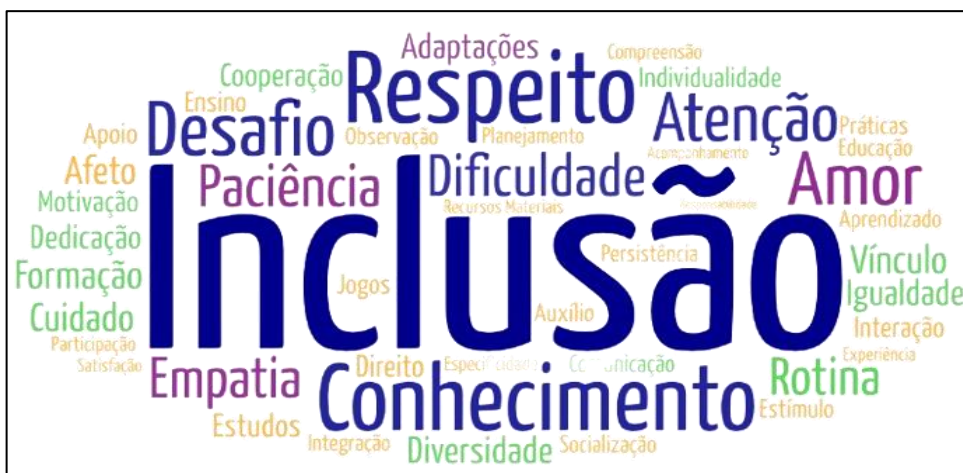
afirma Guimarães e Nagatomy (2021), que as principais barreiras para a inclusão de alunos com deficiência na escola, de acordo com as pesquisas realizadas, são a acessibilidade atitudinal e a de procedimentos educacionais. A acessibilidade atitudinal refere-se às atitudes e crenças dos profissionais da escola e da sociedade em geral em relação às pessoas com deficiência, que muitas vezes são marcadas por preconceitos e estereótipos. Já a acessibilidade de procedimentos educacionais diz respeito às práticas e políticas adotadas pela escola, que muitas vezes não estão adequadas às necessidades dos alunos com deficiência. Além disso, é importante destacar que a falta de investimento em recursos e formação adequada para os profissionais da escola também pode ser uma barreira para a inclusão.

Adicionalmente, foi adotado outro elemento de análise, a nuvem de palavras, que para Vilela, Ribeiro e Batista (2020) é uma ferramenta versátil, utilizada para diversos fins, como destacar termos mais buscados em sites e auxiliar no ensino e aprendizagem.

Segundo Ortiz, Triani e Magalhães Júnior (2021), esse método consiste em agrupar as palavras e organizá-las visualmente de acordo com sua frequência, isso permite a identificação do grau de importância entre as palavras e sugere pistas sobre a interação e a conexão entre elas, o que, por sua vez, auxilia na compreensão da estrutura das redes sociais de um grupo específico.

Na Figura 2, a nuvem de palavras, apresenta o as palavras com tamanhos distintos, sendo que as maiores foram os termos mais evocados e as menores os menos evocados. Com isso podemos inferir e corroborando com os achados anteriores que a palavra “inclusão” permanece sendo a mais importante entre todas, seguida dos termos: “conhecimento”, “respeito”, “desafio”, “dificuldade”, “atenção”, “amor”, “empatia” e “paciência”.

Figura 2 - Nuvem de palavras com as expressões mais evocadas pelos professores



Fonte: próprio autor

Baseado nas palavras elencadas anteriormente identifica-se que elas também fazem parte do Núcleo Central (inclusão, desafio, conhecimento, atenção, respeito e dificuldade) e as demais estão alocadas no segundo quadrante ou primeira periferia (paciência, empatia e amor). Essa relação aponta mais uma vez para a palavra “inclusão” como a possível representação social elaborada pelos professores e os demais termos que a acompanham se aproximam para dar sentido.

Os mesmos termos selecionados (conhecimento, respeito, desafio, dificuldade, atenção, amor, empatia e paciência) também estão representados na árvore de similitude que reforça a interpretação dos professores de que a inclusão é o fator mais importante quando se pensa em práticas pedagógicas com estudantes com autismo.

Como abordam Weizenmann, Pezzi e Zanon (2020) em sua pesquisa que destaca as complexidades e desafios da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista na educação regular, evidenciando que, apesar das políticas de inclusão existentes, ainda persistem barreiras significativas. Professores enfrentam dificuldades em relação ao conhecimento sobre o TEA, crenças distorcidas sobre as capacidades dos alunos e a necessidade de equilibrar as demandas do aluno com TEA com as da turma. Ressaltam ainda a importância de oferecer suporte aos professores, promover a formação continuada e integrar estratégias pedagógicas adequadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise das representações sociais dos professores de Educação Física em relação à prática pedagógica inclusiva para alunos com autismo, é evidente a importância de compreender as percepções e desafios enfrentados por esses profissionais no contexto educacional. Os resultados obtidos revelam que a palavra "inclusão" é central nas representações dos professores, destacando a necessidade de promover um ambiente escolar acolhedor e diverso. A partir dessas reflexões, percebe-se que a formação contínua e o investimento em recursos adequados são fundamentais para a efetiva inclusão de alunos com autismo, ressaltando a importância de práticas pedagógicas sensíveis e adaptadas às necessidades individuais de cada estudante.

Este estudo contribui significativamente para a área da Educação ao evidenciar a relevância da abordagem inclusiva na Educação Física, especialmente para alunos com autismo. Ao adotar a TRS como base metodológica, foi possível não apenas compreender as percepções dos professores, mas também identificar caminhos para aprimorar as práticas pedagógicas e promover uma educação mais equitativa e acessível. As conclusões aqui apresentadas reforçam a necessidade de um olhar atento e sensível por parte dos educadores, bem como a importância de políticas educacionais que valorizem a diversidade e a inclusão.

Dessa forma, espera-se que este trabalho inspire novas abordagens e iniciativas que contribuam para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para todos os alunos, independentemente de suas diferenças e particularidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Edneia Rodrigues; MACHADO, Laêda Bezerra. "Sem amor não se consegue desenvolver um bom trabalho": análise das representações sociais de professoras sobre inclusão escolar. **Educação Especial**, Santa Maria, v. 22, n. 33, p. 73-84, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/170>. Acesso em: 07 dez 2023.

ALVES, Maria Luiza Tanure; FIORINI, Maria Luiza Salzani. Como promover a inclusão nas aulas de educação física? A adaptação como caminho. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 19, n. 1, p. 3-16,

2018. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2018.v19n1.01.p3>. Acesso em: 26 jan 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 31-86.

BRASIL. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência protocolo facultativo à convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**. Brasília: SEDH, 2007.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 06 dez 2023.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; BÚ, Emerson do. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (VERSION 5.2). **Campo do Saber**, Cabedelo, v. 3, n. 1, p. 219-243, 2017. <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/72>

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

DONATO, Sueli Pereira *et al.* Da análise de similitude ao grupo focal: estratégias para estudos na abordagem estrutural das representações sociais. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 37, p. 367-394, 2017. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/3786>. Acesso em: 10 fev 2024.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de. As emoções do professor frente ao processo de inclusão escolar: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 24, n. 2, p. 217-228, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000200005>. Acesso em: 10 jan 2024.

FERRER, Rossana Farias Queiroz; SILVA, Luziel Auguto da. **Trajetória histórica da educação especial: os excluídos da história da educação oficial do Brasil (1500 - 2000)**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CINTEDI, 3., 2018, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLAT, Rosana. Desconstruindo Representações Sociais: por uma cultura de colaboração para inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 24, n. esp., p. 9-20, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000400002>. Acesso em: 02 mar 2024.

GORGATTI, Maria G. *et al.* Atitudes dos professores de Educação Física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 63-68, 2004. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/558>. Acesso em: 07 dez 2023.

GREGUOL, Marcia; MALAGODI, Bruno Marson; CARRARO, Attilio. Inclusão de Alunos com Deficiência nas Aulas de Educação Física: atitudes de professores nas escolas regulares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 24, n. 1, p. 33-44, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100004>. Acesso em: 06 dez 2023.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein, São Paulo**, v. 15, n. 2, p. 233-238, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020>. Acesso em: 15 jan 2024.

GUIMARÃES, Orliney Maciel; NAGATOMY, Gabrielly Fuji Messias. Representações sociais sobre a educação especial/educação inclusiva: revisão da literatura (2008-2018). **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 36, n. 114, p. 366-385, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2021.114.366-385>. Acesso em: 10 fev 2024

JANNUZZI, Gilberta de Martino. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

KITAHARA, Adil Margarete Visentini; CUSTÓDIO, Eda Marconi. A inclusão e as representações sociais dos professores: uma revisão da literatura. **Boletim - Academia Paulista Psicologia**, v. 37, n. 92, p. 79-93, jan. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100007. Acesso em: 10 fev 2024.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação especial no Brasil**: história e políticas públicas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MICHENER, H. Andrew; DELAMATER, John D.; MYERS, Daniel J. **Psicologia social**. São Paulo: Thomson, 2005.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. O lugar das crianças com deficiências na educação infantil e políticas de inclusão na educação brasileira. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 1, p. 730-745, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.1.12203>. Acesso em: 26 jan 2024.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 72-88, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=s1808-42812006000200007&script=sci_abstract. Acesso em: 12 jan 2024

NEVES, Dulce Amélia; BRITO, Raisa Carneiro de; CÓDULA, Ana Cláudia Cruz; SILVA, Julianne Teixeira e; TAVARES, Dereck Warwick. Protocolo verbal e teste de associação livre de palavras: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informação. **PontodeAcesso**, v. 8, n. 3, p. 64–79, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/12917>. Acesso em: 03 fev 2024.

ORTIZ, Adriano José; TRIANI, Felipe da Silva; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira. Representações sociais: uma teoria, muitos caminhos. *In*: MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA, Michel Corci (org.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. Maringá: Massoni, 2021. p. 127-145.

PAIVA JUNIOR, Francisco. O que é autismo? **Revista Autismo**, São Paulo, v. 7, n. 15, p. 8, 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEDAS-CATELLI, Carolina; BLASCOVI-ASSIS, Silvana; D'ANTINO, Maria. O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Física escolar: a prática do profissional da rede estadual de São Paulo. *In*: **CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA**, 5., 2016, Porto. Anais [...]. **CIAIQ, 2016**. v. 1, p. 88-97.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Eliza França e; ELIAS, Luciana Carla dos Santos. Inclusão de alunos com deficiência intelectual: recursos e dificuldades da família e de professoras. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 38, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469826627>. Acesso em: 06 fev 2024.

TRIANI, Felipe da Silva; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; NOVIKOFF, Cristina. As representações sociais de estudantes de educação física sobre a formação de professores. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 575-586, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.68898>. Acesso em: 10 mar 2024.

TRIANI, Felipe da Silva. A Teoria das Representações Sociais nos estudos sobre formação de professores na Educação Física: mapeando a produção do

conhecimento nos periódicos brasileiros. **Motrivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021e75977>. Acesso em: 12 dez 2023.

TRIANI, Felipe da Silva; ANDRADE, Marconi Silva de; NOVAES, Renato Cavalcanti. Impactos da prática do arborismo sobre as representações sociais dos praticantes. **Motrivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1-16, 2023a. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e90626>. Acesso em: 12 dez 2023.

TRIANI, Felipe da Silva; NOVAES, Renato Cavalcanti; TELLES, Silvio de Cassio Costa. Representações sociais da educação física na formação docente. **Debates em Educação**, v. 15, n. 37, p. 1-20, 2023b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2023v15n37pe14840>. Acesso em: 10 mar 2024.

VERAS, Renata Meira; PASSOS, Vitória Batista Calmon de; FEITOSA, Caio César Moura; FERNANDES, Sheyla Christine Santos. Diferentes modelos formativos em saúde e as concepções estudantis sobre atendimento médico humanizado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 5, p. 1781-1792, maio 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232022275.23832021>. Acesso em: 15 fev 2024.

VILELA, Rosana Brandão; RIBEIRO, Adenize; BATISTA, Nildo Alves. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo. **Millenium: Journal of Education**, Viseu, v. 2, n. 11, p. 29-36, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.29352/mill0211.03.00230>. Acesso em: 22 jan 2024.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 24, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841>. Acesso em: 26 jan 2024.

O conteúdo do artigo foi extraído da minha dissertação, intitulada As representações sociais de professores de educação física sobre a prática pedagógica inclusiva para alunos autistas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Brasil, 2023.